

SERMÃO DO MONTE

Parte 13 – Juízes ou médicos? (Mt 7.1-6)

De uns tempos para cá o sistema judiciário tem chamado a atenção do país. Começando com o Escândalo do Mensalão (2005) e chegando até a Operação Lava a Jato (2014), o Brasil passou a se interessar pela atividade dos juízes, especialmente nas instâncias superiores. Dizem que, pela primeira vez, há brasileiros que não sabem a escalação da seleção de futebol, mas sabem os nomes dos onze membros do Supremo Tribunal Federal.

Todos nós queremos justiça. Afinal de contas, ninguém gosta de viver no “país da impunidade”, não é?

[Vocês também passaram a se interessar mais pelo que ocorre nos tribunais? Têm alguma esperança de que a partir de agora os corruptos podem começar a ser condenados no Brasil?]

Jesus inicia a última porção do seu Sermão do Monte condenando o julgamento (Mt 7.1). Não devemos interpretar isso como se Jesus estivesse proibindo qualquer avaliação pessoal. Como vimos, ele já havia ensinado seus discípulos a avaliarem a religiosidade dos fariseus e pagãos (5.20; 6.2); de fato, neste mesmo trecho (7.6) veremos que ele os exorta a não oferecerem algo valioso a quem não dará o devido valor – como fazer isso sem avaliar as pessoas?

O que o Senhor está proibindo é a nossa tendência natural de nos colocarmos como juízes uns dos outros. Não podemos permitir que nossa capacidade de avaliar situações e pessoas se transforme numa postura arrogante que olha o próximo com superioridade moral, procurando suas falhas para condená-lo.

O apóstolo Paulo nos confronta com o mesmo princípio (Rm 14.4): “Quem és tu que julgas o servo alheio?” Quando assumimos a postura de juiz do nosso irmão, estamos nos colocando no lugar de Deus, o único com o direito de ser Senhor e Juiz dele – e nosso também! Não é a toa que Jesus afirma que o julgamento dos julgadores será pesado (v.2). Afinal, o julgador erra ao abandonar o banco dos réus e ainda erra por usurpar o assento do Juiz!

Ninguém está imune à corrupção e às distorções do pecado, ninguém está em condições de julgar o pecado do outro com a isenção requerida aos juizes. Essa é a razão do Mestre contar uma pequena parábola acerca de dois homens com problemas para enxergar: um tem um *cisco* no olho, o outro tem um *tronco* (v.3, NVT). A imagem de alguém com uma tora de madeira enfiada no olho já é inusitada, e somada à tentativa de remover um cisco do olho do amigo se torna cômica.

[Vocês já tinham reparado no aspecto cômico dessa fala de Jesus? Lembra aquelas esquetes de um dentista ou cirurgião míope, apavorando o paciente...]

Jesus está dizendo que nossa tendência de sermos juízes uns dos outros é igualmente ridícula.

Temos uma tendência fatal de exagerar as faltas dos outros e diminuir a gravidade das nossas próprias. Portanto, “hipócrita” é a palavra-chave, pois simulamos uma aparência de justiça como um meio de evitar nosso próprio arrependimento e inflar nosso ego (Lc 18.9).

O caminho cristão é inverso: devemos nos arrepender de nossos pecados (nossa trave) para podermos ajudar o próximo (v. 5). Quando observamos uma falta em um irmão, não vestimos a toga do juiz, mas o avental do médico. Não desejamos sua condenação, mas sua restauração.

Note bem: não podemos *julgar* (no sentido de condenar como se não fôssemos igualmente pecadores); mas precisamos *julgar* (no sentido de discernir o erro para ajudar).

Por fim, há ainda uma última situação em que precisaremos exercer julgamento: Pessoas que não aceitam ser corrigidas em seus erros, que preferem permanecer em seus pecados, que não querem mudar. Insistir em ajuda-las a “tirar o cisco” de seus olhos será tolice, pois provavelmente se voltarão contra você irracionalmente (v.6). O sábio Salomão já havia alertado que pessoas assim veem quem tenta corrigi-los como inimigo (Pv 9.8; 15.12).

Isso pode se aplicar a incrédulos que não querem ouvir o evangelho ou a irmãos que não querem reconhecer um comportamento pecaminoso. Na verdade, serve de alerta para nós! Se permitirmos que nosso orgulho impeça as pessoas de nos aconselharem e corrigirem, podemos estar afastando aqueles que podem ser instrumentos de Deus em nossa vida. Estaremos nos comportando como animais irracionais que recusam pérolas.

Aplicação

Há pessoas que parecem ter um dom de avaliar situações e pessoas. Você tem facilidade em assumir a cadeira do juiz?

Há pessoas que são rápidas em apontar o erro dos outros, mas não os próprios. Você tem uma tendência a se colocar acima dos outros?

Há pessoas que detestam ser corrigidas pelos outros. Você tem permitido que o seu orgulho fale mais alto do que aqueles que querem te aconselhar?

Se tiver dificuldade de responder a qualquer dessas perguntas, peça a algumas pessoas mais próximas para avaliar você, dê liberdade a elas para corrigir seu comportamento e receba suas críticas como quem ganha uma pérola.

Pr. Alceu Lourenço